



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 10, NÚMERO 4 | ABR. 2021
EDIÇÃO ESPECIAL DOS 10 ANOS
<https://doi.org/10.47295/mren.v10i4.3156>

CONCORDÂNCIA VERBAL E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO FALAR DE FORTALEZA-CE



VERBAL AGREEMENT AND LINGUISTIC VARIATION IN THE SPEAKING OF FORTALEZA-CE

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

ALUIZA ALVES DE ARAÚJO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 14/03/2021 • APROVADO EM 19/03/2021

Abstract

Supported theoretically and methodologically in the postulates of Variationist Sociolinguistics, we investigated the phenomenon of variation in CV with 3pp, in a sample of speech representative of the popular variety of Fortaleza-CE. We aim to analyze the performance of linguistic variables on the realization of variants with and without CV marks at 3pp. To this end, we constructed a sample of spoken language composed of 72 Dialog type inquiries between Informant and Documenter (hereinafter DID) available in the sound collection of the Norma Oral do Português Popular de Fortaleza Project (hereinafter NORPOFOR). With the help of GoldVarb X, as a statistical tool, we analyzed a total of 3,489 cases of variation in CV with 3pp. Of this number, 64.4% comprise the variant with CV marks, while 34.6% of the cases correspond to the variant without CV marks at 3pp. In addition, we found that the use of these variants is conditioned by the following linguistic variables: *Phonic salience*; *Human trait of the subject*; *Formal parallelism at the discursive level*; *Position and distance between subject and verb* and *Structural type of the subject*. We conclude that, in the speech sample analyzed, variants

with and without CV marks in 3pp coexist and are not used randomly, but rather, through the performance of factors internal to the linguistic system.

Resumo

Amparadas teórico e metodologicamente nos postulados da Sociolinguística variacionista, investigamos o fenômeno de variação na CV com a 3pp, em amostra de fala representativa da variedade popular de Fortaleza-CE. Objetivamos analisar a atuação de variáveis linguísticas sobre o uso das variantes com e sem marcas de CV na 3pp. Para tanto, construímos uma amostra de linguagem falada composta por 72 inquiridos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (doravante DID), disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR). Com o auxílio do GoldVarb X, enquanto ferramenta estatística, analisamos 3.489 casos de variação na CV com a 3pp. Do total de casos, 64,4% compreende a variante com marcas de CV, enquanto 34,6% dos casos corresponde à variante sem marcas de CV na 3pp. Além disso, verificamos que o uso dessas variantes é condicionado pelas seguintes variáveis linguísticas: *Saliência fônica*; *Traço humano do sujeito*; *Paralelismo formal no nível discursivo*; *Posição e distância entre sujeito e verbo* e *Tipo estrutural do sujeito*. Concluímos que, na amostra de fala analisada, as variantes com e sem marcas de CV na 3pp coexistem e não são usadas aleatoriamente, mas sim, mediante a atuação de fatores internos ao sistema linguístico.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Verbal agreement. Linguistic variation. Talk about Fortaleza. Sociolinguistics.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância verbal. Variação linguística. Falar de Fortaleza. Sociolinguística.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordamos a variação na concordância verbal (doravante CV) com a 3ª pessoa do plural (doravante 3pp), em amostra de linguagem representativa do falar popular¹ de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Nosso objetivo é analisar a atuação de fatores linguísticos ou internos ao sistema sobre a realização da variante sem marcas de CV padronizadas², em coocorrência com a variante padronizada para a CV na 3pp, conforme mostram os excertos (1) e (2), respectivamente:

(1) *eles não paga* transporte (NORPOFOR, Inq. DID 06).

(2) *eles pagam* só quando querem sabe (NORPOFOR, Inq. DID 06).

¹ A expressão 'falar popular' é usada para designar a variedade linguística falada por sujeitos com pouca ou nenhuma escolarização, oriundos de zonas rurais ou dos grandes centros urbanos (BAGNO, 2003; ARAÚJO, 2011; LUCCHESI, 2015).

² Nesse contexto, as expressões 'padronizada' e 'não padronizada' são usadas em referência ao modelo de CV na 3pp imposto pelas gramáticas tradicionais (doravante GT's).

Conforme os excertos (1) e (2) – extraídos da amostra de linguagem falada selecionada para este estudo – é possível localizar, no falar dos fortalezenses, dois modos diferentes para a realização da CV na 3pp. Assim, na ocorrência em (1), a informante não usa as marcas padronizadas de CV; já em (2), a mesma informante faz uso das marcas padronizadas de CV na 3pp. Diante da constatação que, na capital cearense, a CV com a 3pp é um fenômeno variável, façamos mão do pressuposto básico de que o uso das variantes com e sem marcas padronizadas não ocorre de modo aleatório, mas sim mediante a atuação de fatores internos (linguísticos) e externos³ (extralinguísticos) ao sistema. Logo, levantamos o seguinte questionamento: *quais fatores linguísticos condicionam o uso das formas variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, na amostra de fala selecionada para esta pesquisa?*

A fim de lançar alguma luz a essa questão, adotamos como aporte teórico e metodológico os postulados da Sociolinguística de linha variacionista. De igual modo, construímos uma amostra de linguagem falada por fortalezenses e disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR), sobre o qual tornamos a falar na seção da *Metodologia*.

Em termos de organização, este artigo é composto por esta *Introdução*, na qual apresentamos o tema, o objetivo, a questão de pesquisa, além de sinalizarmos o aporte teórico e metodológico do trabalho. Na sequência, temos a seção *Sociolinguística e o estudo da variação na CV com a 3pp no português brasileiro*, em que discutimos alguns dos principais postulados teórico e metodológicos que marcam a Sociolinguística direcionando-os para o estudo da variação na CV com a 3pp, no português do Brasil. Na seção da *Metodologia*, apresentamos alguns dos passos metodológicos percorridos para a realização desta pesquisa. Na seção *Resultados*, por sua vez, apresentamos e discutimos os resultados obtidos. Por último, tecemos algumas *Considerações finais*.

2. SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA VARIAÇÃO NA CV COM A 3PP NO PORTUGUÊS DO BRASIL

De acordo com Alkmin (2012), o termo *Sociolinguística* foi usado pela primeira vez, de modo a designar um campo de estudos da linguagem, no ano de 1964, durante um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). O referido evento contou com a participação de estudiosos como William Bright – seu organizador – John Gumperz, Einar Haugen, Paul Friedrich, Dell Hymes, John Fischer, William Labov, dentre outros.

Ao longo do século passado, esses cientistas da linguagem desenvolveram pesquisas fundamentais para a consolidação da Sociolinguística enquanto área do

³ Por questões de espaço, não abordamos, neste artigo, a atuação de fatores externos ou extralinguísticos sobre a variação na CV com a 3pp, no falar de Fortaleza. A esse respeito, sugerimos a leitura de Pereira (2016) e Pereira e Araújo (2018).

conhecimento, sobretudo, William Labov, tido hoje como o precursor da Sociolinguística. Afinal, foi Labov (2008 [1972]) quem mais logrou êxito ao oferecer consistentes parâmetros teóricos e metodológicos para o estudo da língua em sua dimensão sociolinguística. Hoje, a Sociolinguística está consolidada e ampara inúmeras pesquisas, a exemplo desta, que buscam compreender melhor os complexos fenômenos que permeiam o uso que nós, seres humanos, fazemos da linguagem verbal.

Entender o modo como os sociolinguistas estudam os mais diversos fenômenos linguísticos exige, antes de qualquer coisa, que compreendamos como a língua é vista no universo da Sociolinguística, independentemente de sua linha ou filiação com outras áreas do conhecimento⁴. Esclarecemos, portanto, que para a Sociolinguística, as línguas naturais são analisadas enquanto “sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas de seus usuários” (PAIVA, 2016, p. 23). Nessa perspectiva, a língua é vista como uma parte essencial de nossa identidade social. Logo, é difícil, se não impossível, negar a íntima relação que há entre a heterogeneidade linguística e a heterogeneidade dos muitos papéis sociais desempenhados por sujeitos dos mais diferentes gêneros, faixas etárias, classes sociais etc. e nas mais distintas regiões geográficas. Destarte, Labov (2008 [1972], p. 238) explicar que:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida [...]. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional.

Uma vez reconhecida a heterogeneidade enquanto uma das propriedades mais marcantes das línguas naturais, assumimos que, ao lado das chamadas *regras categóricas* – que não admitem variação – toda língua comporta, em número certamente maior (MONTEIRO, 2002), as chamadas *regras variáveis*. Esse último tipo de regra está na base do conceito de *variação linguística*, fundamental para a Sociolinguística. Em linhas gerais, todo fenômeno de *variação linguística* implica em uma *regra variável*, pois é esse tipo de regra que nos possibilita o uso de duas ou mais *formas variantes* para transmitir, basicamente, a mesma informação.

Sobre o conceito de *variante linguística*, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 97, aspas no original) assumem que todas elas:

⁴ Embora tenhamos desenvolvido este estudo no âmbito da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) há, naturalmente, outras linhas da Sociolinguística como a Educacional. Além disso, é comum o diálogo entre a Sociolinguística e outras áreas do conhecimento, como a dialetologia, haja vista o caráter interdisciplinar da Sociolinguística (Cf. MOLLICA; FERRAREZI JÚNIOR, 2016).

[...] oferecem meios alternativos de dizer a “mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado em *B* que oferece a mesma informação referencial [...] e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A* [...]

Como exemplo de fenômeno variável no Português usado no Brasil, destacamos a CV na 3pp, amplamente reconhecido por muitos sociolinguistas como uma *regra variável*, em diversas variedades de fala. Em linhas gerais, sabemos que, na Língua Portuguesa, a CV compreende o acordo entre sujeito e verbo, em pessoa e número. No caso da primeira, Castilho (2014, p. 275, destaques no original) explica que podemos estar diante de uma *regra categórica* já que “a discordância de pessoa parece impossível, como em **eu perdeu a paciência*”. Todavia, a CV em termos de número, no Português do Brasil:

[...] não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua (CASTILHO, 2014, p. 275).

De fato, no uso real que fazemos da Língua Portuguesa no Brasil, não é incomum a constatação de que, para a CV em termos de número, dispomos de duas variantes linguísticas – no caso da CV com a 3pp – para a realização desse mecanismo linguístico. Assim, tal como assinalamos na *Introdução* deste artigo, podemos usar tanto a variante com marcas de CV padronizadas como a variante sem marcas de CV padronizadas, conforme os excertos (3) e (4), respectivamente:

(3) *eles são chatos demais sabe* (NORPOFOR, DID 20).

(4) *olhe eles é um porre eu num gosto de nenhum não* (NORPOFOR, DID 20).

Sobre a realização das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp é importante destacar que, se em uma perspectiva estritamente linguística, ambas as variantes são perfeitamente capazes de expressar a mesma informação, possuindo, assim, o mesmo ‘valor’ ou significado; na dimensão sociolinguística – em que consideramos não apenas aspectos linguísticos, mas também extralinguísticos – é preciso reconhecer que há uma série de atribuições de ‘valores ou significados sociais’ diferentes a uma ou outra forma variante.

No caso do fenômeno em pauta, sabemos que à variante com marcas de CV na 3pp, como em (3), são atribuídos valores sociais positivos, dada a aproximação desta variante com o modelo de língua difundido por veículos de comunicação prestigiados socialmente, a exemplo das GT’s, da literatura clássica, do rádio, da televisão etc. Por outro lado, à variante sem marcas de CV com a 3pp, como em (4), são atribuídos valores sociais negativos, haja vista o maior distanciamento dessa variante dos meios de comunicação prestigiados socialmente.

Ao tratarmos, ainda que brevemente, o ‘valor social’ das formas variantes – questão pela qual também se interessa a Sociolinguística – frisamos que não há absolutamente nada intrínseco a uma ou outra forma variante capaz de qualificá-la como inferior ou superior a outra. Na verdade, o que há é tão somente a atribuição de valores sociais, feita sem respaldo científico, às *variantes linguísticas*. Ou seja, nenhuma classificação das *variantes linguísticas*, em termos de inferior ou superior:

[...] é feita por razões propriamente linguísticas, quer dizer, por razões internas à própria língua. São feitas por razões históricas, por convenções sociais, que determinam o que representa ou não o falar social mais aceito. Daí por que não existem *usos linguisticamente melhores ou mais aceitos do que outros*; existem *usos que ganharam mais aceitação, mais prestígio que outros*, por razões puramente sociais, advindas, inclusive, do poder econômico e político da comunidade que adota esses usos. Dessa forma, não é por acaso que *a fala errada seja exatamente a fala da classe social que não tem prestígio nem poder político e econômico* (ANTUNES, 2007, p. 30, destaques no original).

Mediante assertivas como as de Antunes (2007), um trabalho sociolinguístico comprometido com o exame das *variantes linguísticas* a partir de amostras de linguagem real usadas por diferentes sujeitos inseridos em distintas comunidades é crucial para que possamos compreender melhor o funcionamento dos inúmeros fenômenos de variação linguística que constituem o Português do Brasil. Essa compreensão é o ponto de partida para desfazer ilusões que pairam sobre o uso das variantes linguísticas. Entendemos que o mito da suposta inferioridade de uma *variante linguística* em relação a outra é tão nocivo ao desenvolvimento da sociedade brasileira quanto muitos outros que atormentam nossa sociedade.

Diante disso, uma de nossas principais tarefas, enquanto cientistas da linguagem, é mostrar – sempre por meio de dados reais de linguagem em uso – que a realização de uma ou de outra forma variante não ocorre de modo aleatório, mas sim em função da atuação de uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre elas. No caso da variação na CV com a 3pp, que aqui nos interessa mais diretamente, temos notícias de diversas pesquisas sociolinguísticas que comprovam, por meio de dados estatísticos, que à realização das variantes com e sem marcas de CV na 3pp subjaz uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Dentre os fatores de ordem linguística⁵ que frequentemente têm se mostrado pertinentes para a variação na CV com a 3pp, em diferentes amostras de linguagem falada pelos brasileiros, destacamos os grupos de fatores conhecidos como *Saliência fônica*, *Traço semântico ou humano do sujeito* e *Posição do sujeito em relação ao verbo*, por exemplo.

Sobre a *Saliência fônica*, a pesquisa de Anjos (1999), acerca da variação na CV com a 3pp, no falar de João Pessoa – PB, mostra que formas verbais mais salientes

⁵ Novamente, por questão de espaço, enfatizamos apenas fatores linguísticos. Todavia, estamos cientes de que a consideração de fatores extralinguísticos é crucial para que possamos compreender melhor o funcionamento de um dado fenômeno variável. Assim, recomendamos a leitura dos trabalhos aqui citados para o leitor ou a leitora mais interessada(o).

(ex: dá/dão; é/são; falou/falaram) tendem a favorecer o uso da variante com marcas de CV na 3pp. Em sentido oposto, formas verbais menos salientes (ex: come/comem; ama/amam)⁶ tendem a inibir a realização dessa mesma forma variante e favorecer, assim, a variante sem marcas de CV na 3pp. No âmbito das pesquisas sociolinguísticas, são exemplos de estudos que constataram as mesmas tendências verificadas em Anjos (1999), para a *Saliência fônica*, os trabalhos de Sgarbi (2006), sobre a variação na CV com a 3pp, nos falares de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul; Rubio (2008), sobre o falar de São José do Rio Preto – SP; Moguilhott (2009), sobre a variação na CV com a 3pp, no falar de Florianópolis – RS, dentre outros.

No que tange à atuação do *Traço semântico ou humano do sujeito* sobre a variação na CV com a 3pp, em sua tese de doutorado, Moguilhott (2009) mostra que o traço SN [humano] (ex: **Eles não** trabalham com isso) tende a favorecer a realização da variante com marcas de CV, ao contrário do traço SN [não-humano] (ex: Ainda **existe terras mais pequeninhas** aqui dentro do Conselho)⁷ que tende a beneficiar o uso da variante sem marcas de CV na 3pp. Sobre a atuação da *Posição do sujeito em relação ao verbo*, destacamos, novamente, a pesquisa de Moguilhott (2009). No caso desse último grupo de fatores, a pesquisadora verificou que o SN anteposto ao verbo tende a beneficiar o uso da variante com marcas de CV (ex: **Eles moru** lá na cidade). Em contrapartida, em casos de SN posposto ao verbo (ex: **Mora três** lá perto da minha casa)⁸ a beneficiada tende a ser a variante sem marcas de CV na 3pp.

Além dos pontos que discutimos aqui sobre a caracterização da Sociolinguística enquanto área do conhecimento, bem como acerca do comportamento variável da CV com a 3pp, outros mais certamente merecem destaque. De todo modo, acreditamos que os aspectos tratados nesta seção oferecem um interessante panorama da Sociolinguística e da variação na CV com a 3pp, no Português do Brasil. Na seção da *Metodologia*, discutir outros aspectos teórico e metodológicos da Sociolinguística, além de apresentar mais pontos que podem nos ajudar a compreender melhor o modo como analisamos a variação na CV com a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza.

3. METODOLOGIA

3. 1 O Projeto NORPOFOR e amostra de fala desta pesquisa

Neste trabalho, investigamos a variação na CV com a 3pp em amostra de fala representativa do falar de Fortaleza nos moldes da Sociolinguística variacionista e sob a noção de *tempo aparente*. Grosso modo, o estudo em *tempo aparente* investiga a variação e os possíveis indícios de mudança linguística através de um recorte transversal da fala de informantes de uma determinada comunidade de fala (LABOV,

⁶ Exemplos extraídos de Anjos (1999, p. 70).

⁷ Exemplos extraídos de Moguilhott (2009, p. 100, grifos no original).

⁸ Exemplos extraídos de Moguilhott (2009, p. 99, destaques no original).

2006; 2008 [1972]; PAIVA, 2016). Essa abordagem caracteriza um estudo de natureza sincrônica. Nela, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias.

Os dados analisados aqui foram extraídos do acervo sonoro do Projeto NORPOFOR. Em linhas gerais, o NORPOFOR foi organizado com o intuito de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses” (ARAÚJO, 2007, p. 52). Sua construção ocorreu entre agosto de 2003 e julho de 2006, tendo a sua frente a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, em colaboração com bolsistas de Iniciação Científica, alunos voluntários e professores vinculados à Universidade Estadual do Ceará (UECE). Antes de o NORPOFOR ser construído, Araújo (2011) destaca que não tínhamos um *corpus* de linguagem falada quantitativamente representativo da variedade popular da capital cearense.

Importante destacar que, para a seleção dos informantes do NORPOFOR, foram adotados basicamente os seguintes critérios:

(i): o informante deveria ter nascido em Fortaleza ou no interior do estado do Ceará, tendo mudado para a capital cearense com, no máximo, cinco anos de idade;

(ii) o informante nunca se ausentou de Fortaleza por mais de dois anos consecutivos;

(iii) os falantes devem possuir pais cearenses.

Esses critérios foram devidamente adotados com o intuito de neutralizar a possível influência dos falares de outras regiões sobre o comportamento linguístico dos sujeitos envolvidos no projeto (ARAÚJO, 2007). Afinal, isso poderia comprometer uma descrição mais precisa da variedade popular falada na capital do estado do Ceará.

Seguindo os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, o NORPOFOR comporta 149 inquéritos, com os quais podemos ter acesso à fala de 198 fortalezenses, estratificados de modo relativamente equilibrado, conforme o **sexo** (masculino e feminino), a **faixa etária** (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos e III – 50 anos em diante), a **escolaridade** (A – 0 a 4 anos; B – 5 a 8 anos e C – 9 a 11 anos) e o **tipo de inquérito**: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), EF (Elocação Formal: aulas ministradas por professores leigos, pregações ou palestras) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

Evidentemente, não é necessário trabalhar com todos os inquéritos do NORPOFOR para obter um retrato sociolinguístico da variação na CV com a 3pp em amostra da variedade popular falada na capital cearense. A esse respeito, Guy e Zilles (2007) explicam que uma amostra de fala satisfatória pode comportar 4 ou 5 informantes por célula. Efetuamos, assim, um recorte no quadro geral dos informantes do NORPOFOR e construímos uma amostra de fala equilibrada da qual extraímos os dados de variação na CV com a 3pp examinados neste estudo.

De modo mais específico, selecionamos 72 informantes situados nos inquéritos do tipo DID⁹. Esses sujeitos foram divididos, ainda, em três faixas etárias, três níveis de escolaridade e dois sexos diferentes, conforme a estratificação do NORPOFOR. Assim, lidamos com um total de 4 informantes por célula, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes selecionados para este estudo

Escolaridade Faixa etária	DID					
	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	0-4 anos	5-8 anos	Até 11 anos	0-4 anos	5-8 anos	Até 11 anos
15- 25 anos	4	4	4	4	4	4
26- 49 anos	4	4	4	4	4	4
A partir de 50 anos	4	4	4	4	4	4

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Araújo (2011).

3. 2 Variável dependente e variáveis independentes

No âmbito da Sociolinguística variacionista, a expressão *variável dependente* é usada para designar o conjunto de variantes cuja realização não ocorre de modo aleatório, mas sim mediante a atuação de uma série de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos (MOLLICA, 2012; COELHO et al., 2015). A *variável dependente* pode ser *binária* – quando possui duas variantes – ou *ternária* – apresentando mais de duas variantes linguísticas. No caso do fenômeno de variação na CV com a 3pp, analisada neste estudo, temos uma variável dependente de natureza *binária*, haja vista o fenômeno em pauta apresentar duas *variantes linguísticas*: com e sem marcas de CV na 3pp. Sobre a realização das variantes na amostra desta pesquisa, vejamos as ocorrências em (5) e (6), respectivamente:

(5) *eles vive* direitinho aí (NORPOFOR, DID 06).

(6) *eles vivem* por lá sabe sempre por lá (NORPOFOR, DID 06).

⁹ Grosso modo, os inquéritos do tipo DID compreendem situações de fala mais ou menos formal, pois por maiores que sejam os esforços dos entrevistadores do NORPOFOR para amenizar as tensões presentes em uma situação de entrevista sociolinguística, o informante pode não se sentir à vontade com a presença do documentador ou mesmo com o fato de saber que sua fala está sendo gravada (ARAÚJO, 2000, 2007, 2011).

Para a análise da variação na CV com a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza, laçamos mão da hipótese basilar de que o uso das variantes com e sem marcas de CV não ocorre de modo aleatório. Na verdade, acreditamos que o uso dessas formas é condicionado por fatores de ordem linguística (como mostramos neste estudo) e extralinguística (Cf. Pereira (2016) e Pereira e Araújo (2018)). Além disso, assumimos inicialmente que, na amostra de fala investigada, o uso da variante sem marcas de CV tende a ser maior que a realização da variante com marcas de CV na 3pp. Essa hipótese está ancorada no fato de que, tal como mostram alguns estudos variacionistas, as variedades populares tendem a se mostrar mais sensíveis ao uso da variante sem marcas de CV na 3pp (MONTE, 2012; ARAÚJO, 2014; LUCCHESI, 2015).

Sobre os possíveis fatores linguísticos que podem condicionar a realização das variantes investigadas, pontuamos que eles constituem as chamadas *variáveis independentes* testadas nesta pesquisa. Importante destacar que, por 'independente', compreendemos os fatores que não dependem de nenhum outro, mas, sobre a *variável dependente*, podem exercer pressão aumentando ou diminuindo a frequência de uso das variantes que a constituem (MOLLICA, 2012).

Conforme explicamos deste o início, neste artigo, consideramos apenas a atuação de fatores ou variáveis independentes de natureza linguística, são elas: *Saliência fônica*; *Traço humano do sujeito*; *Posição e distância entre verbo-sujeito*; *Paralelismo formal no nível oracional*; *Paralelismo formal no nível discursivo* e *Tipo estrutural do sujeito*¹⁰. Ao testarmos a atuação dessas variáveis, também laçamos mão de algumas hipóteses iniciais. Essas premissas foram confirmadas ou refutadas pelos dados números, conforme apresentaremos na seção dos *Resultados*.

Sobre o controle da *Saliência fônica*, assumimos a hipótese de que formas verbais menos salientes tendem a favorecer o uso da variante sem marcas de CV na 3pp ao contrário das formais verbais mais salientes que, conseqüentemente, tendem a favorecer a variante com marcas de CV na 3pp. Para a variável *Traço humano do sujeito*, a hipótese levantada inicialmente é a de que construções com SN/sujeito de traço [não-humano] beneficia o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, ao contrário do SN/sujeito com traço [humano]. No universo da variável *Posição e distância entre verbo-sujeito*, assumimos que quando o verbo está anteposto e distante do SN/sujeito, a tendência é que a variante sem marcas de CV na 3pp seja favorecida. Em sentido contrário, a variante com marcas de CV na 3pp tende a ser beneficiada quando o verbo está posposto e próximo ao SN/sujeito.

Com a análise da variável *Paralelismo formal no nível oracional*, esperamos que a ausência de marcas de pluralidade no SN/sujeito conduza à ausência de marcas de plural também no verbo, favorecendo, assim, a variante sem marcas de CV na 3pp. Ao testarmos a variável *Paralelismo formal no nível discursivo*, laçamos mão da hipótese segundo a qual a ausência de marcas plurais em um SV/sintagma verbal conduz à ausência de marcas de pluralidade no SV seguinte, quando de uma construção seriada. Por outro lado, esperamos que verbos isolados se mostrem mais propícios ao uso da variante com marcas de CV. Ao testar a atuação da variável *Tipo estrutural do sujeito*, nossa hipótese é a de que SN/sujeito do tipo composto e

¹⁰ Apresentar todos os fatores que compõem as variáveis independentes na seção dos *Resultados*.

SN/sujeito do tipo pleno simples favoreçam a realização da variante sem marcas de CV na 3pp.

3. 3 Ferramenta de análise estatística

Para as análises estatísticas realizadas neste trabalho, adotamos o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), programa computacional muito usado entre os sociovariacionistas. Atualmente, o GoldVarb X figura como uma adaptação do VARBRUL para o ambiente *Windows*. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105, grifos nossos), “o VARBRUL é um conjunto de programas computacionais de **análise multivariada**, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 34).

Com isso, vemos que a ferramenta de análise estatística adotada aqui serve aos nossos interesses, já que buscamos analisar, em termos numéricos, justamente, em que medidas fatores internos ao sistema linguístico atuam sobre o uso da variante sem marcas de CV em coocorrência com a variante com marcas de CV na 3pp. O *quantum* com que as categorias postuladas atuam sobre o fenômeno investigado é, então, um dos problemas centrais para a sociolinguística de linha variacionista (NARO, 2012).

Neste sentido, o GoldVarb X nos fornece, conforme veremos na seção dos *Resultados*, as percentagens e os pesos relativos referentes à atuação de todos os fatores que elencamos como possíveis favorecedores ou não das variantes investigadas. Importante mencionar que, em um trabalho de base quantitativa como este, calcular a probabilidade de uso de dadas regras é de suma importância. Contudo, é preciso lembrar que:

[...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. [...] Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos (NARO, 2012, p. 162).

No que tange à consideração dos valores alcançados para as percentagens e para os pesos relativos, ressaltamos que, na próxima seção, discutimos tanto os valores obtidos para as percentagens como para os pesos relativos. Isso porque, considerar apenas os percentuais em termos de frequência não é uma opção tida, dentre os variacionistas, como suficiente. De acordo com Naro (2012, p. 19), as frequências brutas dos resultados “podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as interrelações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável”.

Neste sentido, a possibilidade de calcular os pesos relativos de cada fator, o que também é possível com a utilização do GoldVarb X, é um ponto bastante

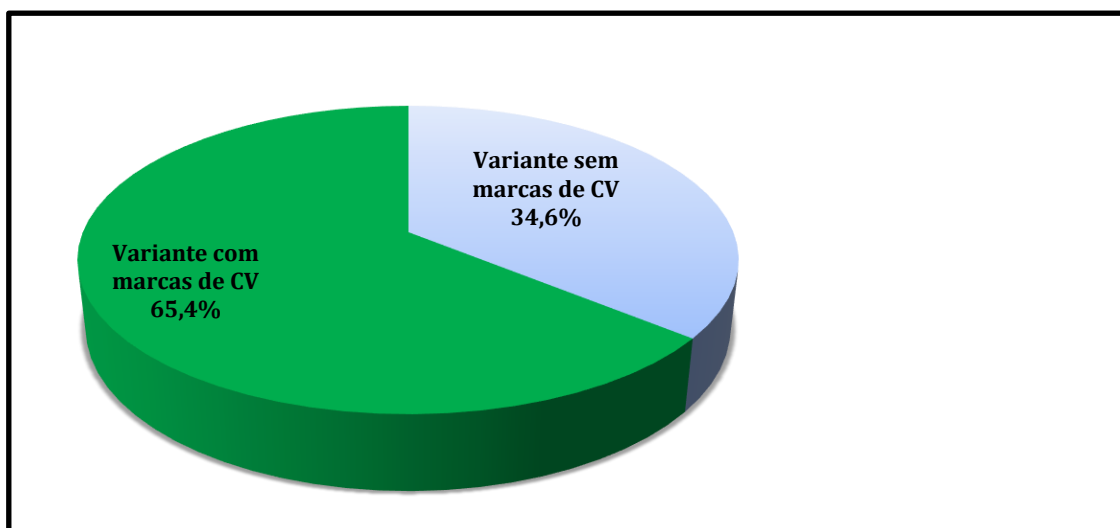
significativo das análises estatísticas realizadas em um estudo variacionista, visto que eles podem fornecer informações estatisticamente mais precisas. Em linhas gerais, os pesos relativos fornecidos pelo programa são entendidos como valores projetados, durante as análises multivariadas, com o intuito de medir a atuação dos fatores linguísticos e/ou extralinguísticos sobre cada variante que compõe o fenômeno variável em análise, isto é, em função da variável dependente (NARO, 2012).

Durante o manuseio dos chamados pesos relativos, que são estabelecidos entre 0 e 1,00, entendemos, conforme explicam Guy e Zilles (2007, p. 211), que seu “efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”. Salientamos que esses valores são válidos para fenômenos que comportam duas variantes linguísticas, isto é, para uma variável binária, caso do fenômeno estudado por nós. Para variáveis que apresentam mais de duas variantes (variável ternárias), o efeito dos pesos é analisado com base em outros valores (Cf. Guy e Zilles (2007)).

4. RESULTADOS

Ao longo dos 72 inquéritos selecionados para esta pesquisa, localizamos 3.489 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 2.283 (65,4%) dos casos compreendem a variante com marcas de CV, enquanto 1.206 (34,6%) das ocorrências correspondem a variante sem marcas de CV. Esses resultados podem ser mais bem visualizados no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Percentual de uso para as variantes analisadas

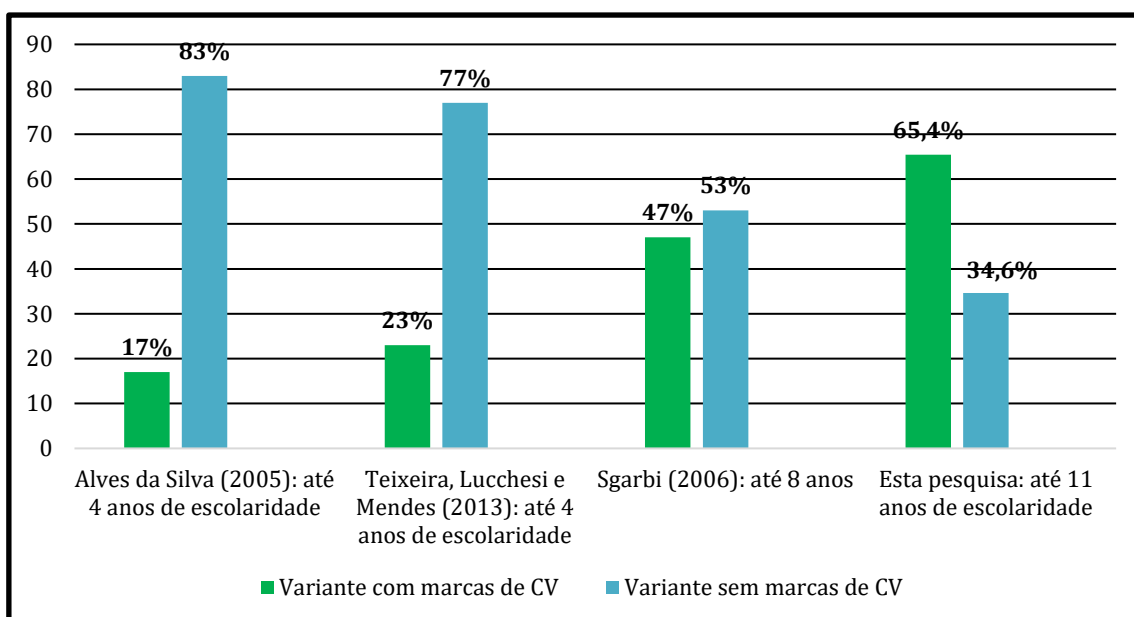


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao contrário da hipótese levantada inicialmente, vemos que a frequência de uso da variante sem marcas de CV foi notavelmente menor que a realização da variante com marcas de CV na 3pp. Essa última forma variante está presente quase que no dobro das ocorrências do fenômeno estudado, na amostra deste trabalho. A partir disso, podemos afirmar que, na variação de CV com a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza, predomina a variante com marcas de CV na 3pp. Além disso, constatamos que, na amostra analisada, as variantes com e sem marcas de CV na 3pp coexistem e são usadas, em maior ou menor proporção, em situações reais de interação verbal.

Conforme dissemos anteriormente, os percentuais de uso obtidos para as variantes estudadas (Gráfico 1) refutam nossa hipótese inicial. Afinal, esperávamos que a variante sem marcas de CV ocorresse com maior frequência que a variante com marcas de CV, na fala de sujeitos sem ensino superior completo, conforme mostram estudos variacionistas anteriores a este. A esse respeito, vemos o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Comparação entre os percentuais de uso para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp obtidos nesta pesquisa e em outros estudos variacionistas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 2, comparamos os percentuais de uso para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp, obtidos nos estudos de Alves da Silva (2005), sobre o falar de três comunidades do interior do estado da Bahia; Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013), em amostra de uma comunidade periférica¹¹ de Salvador; Sgarbi (2006), em

¹¹ A expressão 'comunidade periférica' é usada pelos autores.

amostra do falar do Mato Grosso e esta pesquisa, sobre a variedade popular de Fortaleza. Em linhas gerais, vemos que os maiores índices de uso da variante sem marcas de CV na 3pp são registrados nos trabalhos de Alves da Silva (2005) e Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013). Em ambas as pesquisas, os autores trabalham com informantes que possuem até 4 anos de escolarização.

Em Sgarbi (2013), a realização da variante sem marcas de CV na 3pp se mostrou mais discreta em relação aos estudos de Alves da Silva (2005) e Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013). Todavia, mesmo em Sgarbi (2013), que trabalhou com informantes com até 8 anos de escolaridade, a variante sem marcas de CV ocorre com maior frequência que a variante com marcas de CV na 3pp. Já em nosso trabalho, o índice de uso para a variante sem marcas de CV cai de modo considerável em comparação com as pesquisas de Alves da Silva (2005), Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013) e Sgarbi (2013).

Ao buscarmos explicações para esses resultados, acreditamos que a queda no percentual de uso da variante sem marcas de CV registrada neste estudo, em comparação com outras pesquisas variacionistas, pode ter relação justamente com o aumento nos anos de escolaridade dos informantes que selecionamos (até 11 anos de escolarização). Uma análise atenta dos dados expostos no Gráfico 2 mostra que, conforme aumenta a escolaridade dos informantes considerados em cada amostra há uma queda na frequência de uso da variante sem marcas de CV e um consequente crescimento no uso da variante com marcas de CV na 3pp. A partir desses resultados, compreendemos que há, no caso da variação na CV com a 3pp, uma espécie de *continuum* no uso das variantes com e sem marcas de CV, no português do Brasil. Assim, verificamos que, conforme aumenta a escolaridade dos informantes, a realização da variante sem marcas de CV na 3pp tende a diminuir.

Um outro ponto que pode nos ajudar a compreender os resultados obtidos para os percentuais de uso das variantes com e sem marcas de CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense, diz respeito ao fato de que estamos lidando com uma amostra de fala extraída de uma das maiores metrópoles brasileiras. A esse respeito, Vieira, Brandão e Gomes (2015, p. 104, destaques nossos) explicam que a variante com marcas de CV na 3pp é “avaliada, ao menos em *meios urbanos e letrados*, de forma absolutamente positiva”.

Além de nos proporcionar uma visão geral da variação na CV com a 3pp, em amostra do falar de Fortaleza, a primeira rodada dos dados no programa de análise estatística apontou *nocautes*¹² em alguns grupos de fatores, a saber: nas variáveis *paralelismo formal no nível oracional* e *paralelismo formal no nível discursivo*.

Na variável *paralelismo formal no nível discursivo*, o uso da variante sem marcas de CV na 3pp se revelou categórico no seguinte contexto: *verbo precedido de*

¹² Na terminologia de análises estatísticas realizadas dentro da perspectiva variacionista, um nocaute acontece quando “[...] um fator, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Os nocautes são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois mostram que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação, sendo impossível prosseguir com as análises haja vista o programa adotado por nós opera apenas com regras variáveis. Além disso, “o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a percentagem de aplicação em determinado contexto é 0%, o peso deste fator é 0, e se a percentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

verbo com marcas zero de plural no discurso do informante, para o qual registramos apenas 4 ocorrências. Já na variável *paralelismo formal no nível oracional*, o uso da variante sem marcas de CV também se mostrou categórico no fator *sujeito sem marcas de plural explícitas e sem preposição*, para o qual obtivemos 63 ocorrências.

Dada a impossibilidade de prosseguir as análises no GoldVarb X com nocautes entre os dados, resolvemos eliminá-los, amalgamando¹³ os fatores em que o uso da variante sem marcas de CV se mostrou categórico com outro fator do mesmo grupo com o qual apresentava alguma compatibilidade linguística. De modo mais preciso, na variável *paralelismo formal no nível oracional*, por exemplo, amalgamamos o fator *verbo precedido de verbo com marcas zero de plural no discurso do informante* com o fator *verbo precedido de verbo com marcas formais de plural explícitas no discurso do informante*. Desse modo, a variável *paralelismo formal no nível oracional* ficou com dois fatores, isto é: *verbo precedido de verbo com ou sem marcas formais de concordância no discurso do informante* e *verbo isolado ou primeiro de uma série*.

Após amalgamarmos os fatores que apresentaram nocautes na primeira rodada, realizamos uma segunda rodada com a qual obtivemos resultados estatisticamente significativos. Na segunda rodada, portanto, o melhor nível de análise foi o *step up* 45, com *input* de 0.275 e nível de significância igual a 0.010, o que indica que a variante sem marcas de CV tem grandes probabilidades de ocorrer nos contextos selecionados para esta rodada. As variáveis linguísticas apontadas como estatisticamente relevantes e nessa mesma ordem de seleção foram, portanto, a *Saliência fônica*, o *Traço humano do sujeito*, o *Paralelismo formal no nível discursivo*, a *Posição e distância entre sujeito e verbo* e o *Tipo estrutural do sujeito*.

Desse modo, vemos que, dentre as seis variáveis linguísticas testadas, apenas o *paralelismo formal no nível oracional* foi descartado pelo programa. Refutando, assim, a hipótese inicial de que essa variável poderia ser relevante para este estudo, a exemplo do que revelam outras pesquisas variacionistas sobre o comportamento variável da CV na 3pp (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; MONTE, 2007; RUBIO, 2008). Dito isso, passamos a apresentar os resultados obtidos para cada variável apontada como estatisticamente relevante para esta pesquisa, respeitando a ordem de seleção no GoldVarb X.

Variável *Saliência fônica*

Conforme dissemos anteriormente, a primeira variável selecionada como estatisticamente relevante pelo GoldVarb X foi a *Saliência fônica*. Os resultados referentes à atuação de cada um dos fatores que compõem a *Saliência fônica* sobre as variantes com e sem marcas de CV na 3pp estão distribuídos na Tabela 1:

¹³ Em linhas gerais, o amalgama consiste na junção dos fatores que apresentam nocautes com outros fatores do grupo. Aqui, os estudiosos devem tomar como base critérios de ordem teórica e quantitativa, ou seja, é preciso “combinar fatores que são linguística ou socialmente semelhantes, ou que podem ser tratados como subtipos de uma supercategoria, e que ao mesmo tempo são semelhantes em termos quantitativos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 160).

Tabela 1 – Atuação da variável *Saliência fônica*

Nível 1- Posição não acentuada/Fatores e exemplos¹⁴	Apl./Total	%	Peso relativo
a. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural: (<i>consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem</i>)	165/201	45,1%	0.674
b. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural: (<i>ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam</i>)	699/1398	50,0%	0.734
c. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural: (<i>diz/dizem, quer/querem</i>)	123/184	66,8%	0.832
Nível 2 – Posição acentuada			
a. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural: (<i>tá/tão, vai/vão, foi/foru</i>)	71/756	9,4%	0.162
b. Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural: (<i>bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal</i>)	78/242	32,2%	0.534
c. Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: (<i>veio/vieram, é/são, disse/disseram</i>)	70/543	13,9%	0.194

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados da Tabela 1 mostram que as formas verbais menos salientes – distribuídas no nível 1 (posição não acentuada) – favorecem a realização da variante sem marcas de CV na 3pp. Nas ocorrências (07), (08) e (09) exemplificamos enunciados extraídos da amostra desta pesquisa que correspondem aos níveis 1a, 1b e 1c, respectivamente, da variável *Saliência fônica*. Isto é, destacamos contextos que beneficiam o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, na variável *Saliência fônica* no universo desta pesquisa:

(07) não sei dizer o que o *eles sabe* (NORPOFOR, DID 06).

(08) *as menina ajuda* (NORPOFOR, DID 06).

(09) *aí eles diz* assim (NORPOFOR, DID 10).

Se por um lado, as formas verbais menos salientes favorecem o uso da variante sem marcas de CV, na amostra deste estudo, os dados da Tabela 2 mostram, também, que as formas verbais mais salientes inibem a realização da variante sem marcas de CV na 3pp. Importante destacar que essa afirmativa não se aplica a todos os fatores do nível 2. Afinal, o fator *envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* (2b) se mostrou favorável ao uso da variante sem marcas de CV, contrariando, assim, o que esperávamos para o comportamento do referido fator, no nível 2.

¹⁴ Todos os exemplos presentes nas tabelas foram extraídos da amostra deste estudo.

Desse modo, construções como em (10): e *elas foram* até o mercado (NOPOFOR, DID, Inq. 11), embora estejam situadas no nível das formas verbais mais salientes, são favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV na 3pp, em amostra do falar popular fortalezense. Por outro lado, as formas verbais alocadas nos níveis 2a (*envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural*) e 2c (*envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural*), inibem o uso da variante sem marcas de CV na 3pp. Sobre tais formas verbais, vejamos as ocorrências em (11) e (12), respectivamente:

(11) *os seios já tá* mais protegidos com o protetor (NORPOFOR, DID 12).

(12) *eles não são* monoteístas né (NORPOFOR, DID 12).

Conforme discutimos em outros momentos deste artigo, a variável *Saliência fônica* é frequentemente apontada como estatisticamente pertinente para a variação na CV com a 3pp, em grande parte das pesquisas variacionistas sobre o fenômeno em tela (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; MONTE, 2007; RUBIO, 2008). Diante disso, resolvemos testá-la, também, nesta pesquisa acreditando que a *Saliência fônica* poderia se mostrar pertinente para a variação na CV com a 3pp, também em dados representativos do falar popular de Fortaleza. Expectativa esta que, de fato, foi confirmada.

Desde que começou a ser testado sobre a variação na CV com a 3pp a partir dos estudos clássicos de Lemle e Naro (1977), Naro (1981), assume-se que o princípio da saliência fônica pode estar relacionado ao plano da percepção que o falante tem da diferenciação entre plural e singular das formas verbais (VIEIRA; BRANDÃO; GOMES, 2015). Nesse sentido, os falantes tendem a realizar mais a variante sem marcas de CV diante de formas verbais menos salientes porque a diferenciação entre plural e singular dessas formas são percebidos por eles de modo mais sutil. Esse é, por exemplo, o caso de formas verbais como *consegue/conseguem, corre/correm*, situados no nível 1a, das formas verbais menos salientes (Cf. Tabela 1). Em verbos como esses, o grau de saliência entre plural e singular parece ser bem menor se comparado a outras formas verbais tidas como mais salientes, a exemplo de *e/são*, (nível 2c da Tabela 1). Nesses últimos casos, vemos que a forma do verbo muda praticamente por complexo, fato que certamente torna maior a percepção da passagem do singular para o plural e induz o falante a realizar mais a variante com marcas de CV na 3pp.

Variável *Traço humano do sujeito*

A variável *Traço humano do sujeito* foi a segunda variável selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente pertinente para esta pesquisa. A seleção dessa variável confirma nossa expectativa inicial de que a referida variável poderia estar

atuando sobre a variação na CV a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza. Sobre os resultados obtidos para a variável *Traço humano do sujeito*, vejamos a Tabela 2:

Tabela 2 – Atuação da variável *Traço humano do sujeito*

Fatores e exemplos	Apl./Total	%	Peso relativo
SN [humano]: (<i>as menina ajuda</i>)	896/2.789	32,1%	0.463
SN [não-humano]: (<i>os compartimento tá do mesmo jeito</i>)	310/700	44,3%	0.642

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com esses resultados, vemos que, em amostra do falar popular de Fortaleza, o fator SN [não-humano] beneficia o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, com peso relativo igual a 0.642. Por outro lado, o fator SN [humano] inibe a realização dessa mesma forma variante, com frequência de 32, 1% e peso relativo de 0.463. São exemplos de outras construções com os traços SN [humano] e SN [não humano], as ocorrências em (13) e (14), respectivamente:

(13) *as horas num instante se passa* (NORPOFOR, DID 16).

(14) *meus pais eram pobres* (NORPOFOR, DID 16).

Além da seleção da variável *Traço humano do sujeito* como estatisticamente relevante, os resultados obtidos para os dois fatores que a compõem, também, se comportaram como esperávamos. Isto é, inicialmente acreditávamos que o traço SN [não-humano] favoreceria a variante sem marcas de CV, seguindo a tendência mostrada por outros estudos variacionistas (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; RUBIO, 2008), ao contrário do traço SN [humano] que tende a beneficiar a realização da variante com marcas de CV na 3pp.

Dentre as explicações mais correntes para a atuação dos traços SN [humano] e SN [não-humano] sobre as variantes que compõem a CV na 3pp, assumimos, conforme Mongulhott (2009) que o primeiro fator tende a inibir o uso da variante sem marcas de CV porque, para os informantes, o traço SN [humano] podem se caracterizar mais prototipicamente como sujeito. Em sentido contrário, quando o SN é do tipo [não-humano] pode, “numa escala de ‘sujeitividade’, apresenta-se menos ‘sujeito’” (MONGUILHOTT, 2009, p. 101, destaques no original. Isso faz com que os informantes se aproximem mais da variante sem marcas de CV na 3pp, tal como mostram os resultados desta pesquisa.

Variável *Paralelismo formal no nível discursivo*

No presente estudo, a variável *Paralelismo formal no nível discursivo* também se mostrou estatisticamente relevante, confirmando, assim, a hipótese inicial de que ela poderia estar atuando sobre a variação na CV com a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza. Sobre os resultados obtidos para a referida variável, na amostra desta pesquisa, vejamos os dados da Tabela 3:

Tabela 3 – Atuação da variável *Paralelismo formal no nível discursivo*

Fatores	Apl./Total	%	Peso relativo
Verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância: (<i>eles passavam e morriam</i>) (<i>ai eles pararU e me derU um envelope</i>)	72/552	13,0%	0.281
Verbo isolado ou primeiro de uma série: (<i>lá eles não paga esgoto</i>)	1134/2.937	38,6%	0.544

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com base nesses resultados, é possível afirmar que, em amostra de fala popular da capital cearense, o fator *verbo isolado ou primeiro de uma série* favorece o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, com peso relativo de 0.544. Em sentido contrário, vemos que o fator *verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância* inibe a realização da variante sem marcas de CV, com peso relativo igual a 0.281. Outros exemplos de construções com os fatores *verbo isolado ou primeiro de uma série* e *verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância*, podem ser conferidos nas ocorrências em (15), (16) e (17), respectivamente:

(15) *esses gatos bota no mato* (NORPOFOR, DID, Inq. 16).

(16) *os dois se conhecerU lá e se casarU*

(17) *os meninos gosta de morar lá quer ficar lá com a mãe deles* (NORPOFOR, DID, Inq. 16).

Importante lembrar que, em virtude de um nocaute no fator *verbo precedido de verbo sem marcas de concordância*, conforme explicamos no início da apresentação dos *Resultados*, amalgamamos as construções que apresentavam essas características com as do fator *verbo precedido de verbo com marcas de concordância*. Assim, no fator *verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância*, que se mostrou desfavorável ao uso da variante sem marcas de CV, trabalhamos com construções nas quais as formas verbais são precedidas tanto por

verbos com marcas de concordância como por verbos sem marcas de concordância, quando de uma construção seriada, como podemos ver em (16) e (17).

Diante disso, levantamos a hipótese de que, em amostra do falar popular de Fortaleza, o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, no universo da variável *Paralelismo formal no nível discursivo*, está mais associado ao isolamento da forma verbal, como quando figura como o único verbo da sentença do que mesmo à ausência de marcas de concordância no primeiro verbo de uma construção seriada, premissa confirmada pelos resultados numéricos.

Variável *Posição e distância entre sujeito e verbo*

A quarta variável apontada como estatisticamente pertinente para a variação na CV com a 3pp, em amostra do falar popular de Fortaleza, foi a *Posição e distância entre sujeito e verbo* cujos resultados podem ser conferidos na Tabela 4:

Tabela 4 – Atuação da variável *Posição e distância entre sujeito e verbo*

Fatores	Apl./Total	%	Peso relativo
Sujeito anteposto perto (um após o outro): (<i>eles segue as mesmas coisas</i>)	656/1956	33,5%	0.480
Sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles): (<i>elas logo mudarU pro meu lado né</i>)	367/1092	33,6%	0.491
Sujeito posposto perto (um após o outro): (<i>são palavras baixas e já tentei até ligar pra polícia mas</i>)	146/391	37,3%	0.561
Sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles): (<i>tava lá as bebidas para que guardar</i>)	37/50	74,0%	0.878

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir dos resultados expostos na Tabela 4, vemos que os fatores *sujeito posposto perto (um após o outro)*, com peso relativo de 0.561, e o fator *sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)*, com peso igual a 0.878, favorecem o uso da variante sem marcas de CV, em especial, este segundo fator, cujo peso relativo o aponta como muito favorável à realização da variante sem marcas de CV na 3pp. Para que possamos perceber melhor casos dos referidos fatores, observemos, ainda, as ocorrências (18) e (19), respectivamente:

(18) tive nove filho *tá todos criado graças a Deus* (NORPOFOR, DID, Inq. 39).

(19) *tá aqui todos dois* (NORPOFOR, DID, Inq. 39).

Em contrapartida, os fatores *sujeito anteposto perto (um após o outro)* e *sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)*, para os quais registramos pesos relativos de 0.480 e 0.491, respetivamente, não se mostraram favoráveis ao

emprego da variante sem marcas de CV. Para construções com esses fatores, vejamos as ocorrências (20) e (21):

(20) *eles são* opiniosos eu sou opiniosa e meia (NORPOFOR, DID 39).

(21) *eles ainda puxava* a orelha do meu irmão né (NORPOFOR, DID 115).

Tanto os resultados obtidos para os fatores *sujeito posposto perto* (*um após o outro*) e *sujeito posposto longe* (*com 1 ou mais sílabas entre eles*) como para os fatores *sujeito anteposto perto* (*um após o outro*) e *sujeito anteposto longe* (*com 1 ou mais sílabas entre eles*), confirmam nossas expectativas iniciais para a atuação dos fatores que compõem a variável *Posição e distância entre verbo-sujeito sobre a variação na CV com a 3pp*, em amostra do falar popular de Fortaleza.

Afinal, de início esperávamos mesmo que os fatores *sujeito posposto perto* (*um após o outro*) e *sujeito posposto longe* (*com 1 ou mais sílabas entre eles*) beneficiassem a realização da variante sem marcas de CV na 3pp. Essa hipótese bem como os resultados alcançados podem ser justificados em função da assertiva de que a posposição do sujeito em relação ao verbo tende a ‘camuflar’ a ligação entre eles e fazer com que os falantes não empreguem as marcas de CV na 3pp.

Essa tese encontra apoio nos resultados obtidos por outros estudiosos do fenômeno e, também, por nós, pois vemos que são justamente os dois fatores que contemplam a posposição do sujeito em relação ao verbo os grandes favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV na 3pp. Quanto à distância, aspecto que também é testado na variável *Posição e distância entre sujeito e verbo*, verificamos que o favorecimento da variante sem marcas de CV cresce ainda mais quando o sujeito não está apenas posposto ao verbo, mas, também, longe dele.

Acontece que a distância entre verbo e sujeito é apontada pelos estudiosos do fenômeno como um outro aspecto que pode dificultar o emprego das marcas de CV por parte do falante (RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009). Nesse sentido, a posposição e o distanciamento entre verbo e sujeito são aspectos que podem camuflar a relação entre sujeito e verbo e tendem a beneficiar, portanto, a realização da variante sem marcas de CV na 3pp.

Variável *Tipo estrutural do sujeito*

A seleção da variável linguística *Tipo estrutural do sujeito* confirmou mais uma de nossas hipóteses iniciais, isto é, a de que os fatores controlados na referida variável poderiam estar atuando sobre o uso das variantes com e sem marcas de CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Os resultados dispostos na tabela 8 apontam, portanto, a atuação dos fatores da variável tipo estrutural do sujeito sobre a o fenômeno em estudo, na amostra estudada, vejamos:

Tabela 5 – Atuação da variável *Tipo estrutural do sujeito*

Fatores	Apl./Total	%	Peso relativo
SN-pleno simples: (<i>as pessoas não apanhava</i> muito não)	474/1.184	40,0%	0.557
SN-pleno nu: (<i>gente se admirava de pessoas que tratavam bem</i>)	52/225	23,1%	0.365
Pronome pessoal: (<i>eles num são</i> muito danados não)	487/1.516	32,1%	0.482
Pronome demonstrativo: (<i>esses aí são</i> os verdadeiros anarquistas)	12/70	17,1%	0.318
SN-pleno composto: (<i>la mora três solteiros e a menina</i>)	19/32	59,4%	0.745
Quantificador: (<i>Nem todos paga</i> trinta reais)	116/307	37,8%	0.507

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos seis fatores que compõem a variável tipo estrutural do sujeito, vemos que dois deles se revelaram aliados ao uso da variante sem marcas de CV: SN-pleno simples (0.557), e o fator SN-pleno composto (0.745) presentes nas ocorrências (22) e (23):

(22) *as pessoas tá* matando hoje por causa d'uma moedinha de cinquenta centavos (NORPOFOR, DID 105).

(23) *pode ser que o prefeito e o governador tenha* alguma alguma participação participação nisso né? (NORPOFOR, DID 105).

Em sentido oposto, os fatores SN-pleno nu (0.365), pronome pessoal (0.482), pronome indefinido (0.453) e pronome demonstrativo (0.318) não favoreceram a realização da variante sem marcas de CV. Já o fator quantificador (0.507) se mostrou praticamente neutro.

Além de mostrarem a relevância da variável *Tipo estrutural do sujeito* para o comportamento variável da CV na 3pp em amostra de fala popular de Fortaleza, os resultados obtidos confirmam, ainda, as demais hipóteses levantadas quando do controle dessa variável. Em termos mais diretos, tal como explicitamos na *Metodologia*, esperávamos que os fatores SN/sujeito do tipo composto e SN/sujeito do tipo pleno simples beneficiassem a realização da variante sem marcas de CV com a 3pp.

No caso do fator SN/sujeito do tipo composto, a tese de que ele poderia beneficiar a realização da variante sem marcas de CV na 3pp está relacionada ao fato de que, nesse tipo de sujeito, a ideia de pluralidade é reforçada pela estrutura composto do SN. Logo, o falante pode não fazer uso das marcas de CV na 3pp no

verbo por julgá-las redundantes. Algo semelhante ocorre com o fator SN/sujeito do tipo pleno simples. Nesse tipo de fator, conforme podemos verificar em (22), a noção de pluralidade está garantida tanto no termo determinante que acompanha o nome – no caso da ocorrência em (22), o artigo definido ‘as’ – como no nome que marca núcleo do SN – no caso da ocorrência em (22), o nome ‘pessoas’. Também, em construções com SN/sujeito desse tipo, os falantes podem julgar desnecessário empregar as marcas de pluralidade no SV por acreditar que pode estar sendo redundante (MONGUILHOTT, 2001; 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nos esforçamos por analisar a variação na CV com a 3pp, em uma amostra de linguagem falada e representativa da variedade popular da capital cearense, Fortaleza. Tomando como norte teórico e metodológico os postulados da Sociolinguística de linha variacionista, partimos da hipótese basilar de que a realização das variantes com e sem marcas de CV na 3pp não ocorre de modo aleatório, mas sim em função da atuação de uma série de fatores linguísticos e ou extralinguísticos.

Tencionando averiguar quais variáveis de ordem linguística podem estar atuando sobre o comportamento variável da CV com a 3pp em amostra do falar popular de Fortaleza, levantamos o seguinte questionamento: *quais fatores linguísticos condicionam o uso das formas variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, na amostra de fala selecionada para esta pesquisa?*

A fim de lançar alguma luz a essa questão, elegemos um conjunto de variáveis linguísticas, acreditando que elas podem condicionar a realização de uma ou de outra forma variante. Assim, testando a atuação das variáveis *Saliência fônica; Traço humano do sujeito; Posição e distância entre verbo-sujeito; Paralelismo formal no nível oracional; Paralelismo formal no nível discursivo e Tipo estrutural do sujeito.*

Com o auxílio do programa de análise estatística GoldVarb X, analisamos em termos números, o quantum com que cada fator postulado atua sobre a realização da variante sem marcas de CV, em coocorrência com a variante em que verificamos marcas padronizadas de CV na 3pp. De acordo com os dados fornecidos pelo GoldVarb X, são pertinentes para o fenômeno em tela e nessa mesma ordem de importância, as variáveis *Saliência fônica; Traço humano do sujeito; Paralelismo formal no nível discursivo; Posição do sujeito em relação ao verbo e Tipo estrutural do sujeito.* Com isso, vemos que apenas a variável *Paralelismo formal no nível oracional* foi descartada pelo programa.

Sobre a *Saliência fônica*, verificamos que, em linhas gerais, as formas verbais menos salientes beneficiam a realização da variante sem marcas de CV na 3pp. Quanto ao *Traço semântico do sujeito*, os dados mostraram o traço SN [não-humano] favorece a realização dessa mesma forma variante. No âmbito do *Paralelismo formal no nível discursivo*, constatamos que o verbo isolado ou primeiro de uma série é aliado da variante sem marcas de CV na 3pp. No universo da variável *Posição do sujeito em relação ao verbo*, essa mesma variante é beneficiada pelos fatores sujeito posposto perto (um após o outro) e sujeito posposto longe (1 ou mais sílabas entre

eles). Por fim, a variável *Tipo estrutural do sujeito* mostrou que os fatores SN/Pleno simples e SN/pleno composto condicionam a realização da variante sem marcas de CV na 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza-CE.

Referências

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística (Parte I). In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 23-50.

ALVES DA SILVA, Jorge Augusto. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia. 2005. 340 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2005.

ANJOS, Sandra Espínola dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA**: sociolinguística e socio-história do português brasileiro. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística e cultura) — Programa de Pós-Graduação em Linguística e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2014.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova gramática do Português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COELHO; Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edais Maria; SOUZA, Christiane maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1978].

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partida: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.7-14.

MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 2009.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e europeu**. 2012, 173f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à**

Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.15-25.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**: LSA, v. 57, n. 1, 1981, p.63-98.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Sociolinguística, Sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 23-32.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Por que eles não concorda?** Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza — CE. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – CE, 2016.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Variação na concordância verbal no falar de Fortaleza-CE: A influência de fatores sociais. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, vol. 18. n. 1, p. 16-38, 2018.

RUBIO, Cássio Florêncio. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável gênero/sexo. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), Araraquara, v. 36, p. 380-388, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics: University of Toronto, 2005.

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

TEIXEIRA, Suelem Cristina Cunha; LUCCHESI, Dante; MENDES, Elisângela dos Passos. Concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, jan/jul 2013, p. 251 – 275.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; GOMES, Danielle Kely. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, S. R. (Org.) **A concordância verbal em variedades do português**. Rio de Janeiro Vermelho Marinho, 2015, p. 104-147.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006 [1968].

Para citar este artigo

PEREIRA, M. L. de S.; ARAÚJO, A. A. de. Concordância verbal e variação linguística no falar de Fortaleza-ce. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, 2021, p. 59-85.

As Autoras

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA é doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - Língua Portuguesa (2014), pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, Linguística e Sociolinguística Variacionista. Atualmente, é colaboradora dos projetos Fotografias sociolinguísticas de aspectos fonológicos e morfossintáticos do falar de Fortaleza-CE e Variação linguística de aspectos lexicais e morfossintáticos de Fortaleza. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR). Atua como professora do Curso de Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA)/ Unidade Descentralizada de Missão Velha.

ALUIZA ALVES DE ARAÚJO é doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Curso de Graduação em Letras da UECE e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. Coordena os Projetos Fotografias sociolinguísticas de aspectos fonológicos e morfossintáticos do falar de Fortaleza-CE e Variação linguística de aspectos lexicais e morfossintáticos de Fortaleza. É líder do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR). Atua na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoleologia.